



**Público**

04-09-2015

**Periodicidade:** Diário

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 51453

**Temática:** Política

**Dimensão:** 1170

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 1/6

## **Paulo Portas culpou reguladores no caso dos lesados do BES**

Vice-primeiro-ministro, na TVI, elogiou Merkel pela abertura aos refugiados **p6**  
**O Medo**, por Vasco Pulido Valente, **p56**

# Portas dá puxão de orelhas aos reguladores devido aos lesados do BES

Em entrevista à TVI, o vice-primeiro-ministro lembrou que o PS já defendeu o plafonamento e elogiou Merkel pela abertura manifestada relativamente aos refugiados que estão a tentar entrar na Europa

## Legislativas 2015 Sofia Rodrigues

Paulo Portas criticou o “espírito de capelinha” demonstrado pelo Banco de Portugal e pela Comissão de Mercado de Valores Mobiliários, a propósito da actuação dos dois reguladores relativamente aos lesados que investiram em papel comercial no BES. Numa entrevista à TVI ontem à noite, o vice-primeiro-ministro afirmou que o modelo de resolução encontrado para o Novo Banco dá mais garantias aos contribuintes, mas evitou garantir que os portugueses não vão ter de suportar um tostão decorrente da venda do banco.

O líder do CDS foi duro com os reguladores do sistema financeiro. “Não gostei do comportamento em público dos dois reguladores - Banco Portugal e Comissão de Mercado de Valores Mobiliários - a passar culpas uns aos outros”, disse Paulo Portas. As instituições - acrescentou - “deviam estar à mesa a analisar caso a caso e a distinguir o trigo do joio”, tendo em conta que “uns casos é de investimento de risco, outros são eventuais casos de manipulação e de aproveitamento pela da idade das pessoas ou de fraude”. E reforçou: “Deviam ter mais respeito pela natureza das suas funções e menos espírito de capelinha”. Questionado sobre o seu olhar crítico do governador do Banco de Portugal, Portas disse apenas esperar que o Novo Banco “seja vendido em condições”.

Na entrevista, o jornalista José Alberto Carvalho começou por perguntar qual é a pressa de vender o Novo Banco e se a diferença entre o valor do negócio e o valor da resolução não vai recair sobre os contribuintes.

Portas optou por sublinhar insistentemente que o modelo da nacionalização traria custos para os contribuintes, o que ainda não aconteceu com o modelo da resolução adoptado pelo Banco de Portugal. Acabou por dizer que “o diferencial que possa existir não vai a cargo do contribuinte”.

Já na segunda parte do programa da TVI - aberto a outros jornalistas - Portas assegurou que não há uma relação directa entre a participação da CGD - que é um banco público - no fundo de resolução detentor do Novo Banco e qualquer encargo para o



Paulo Portas evitou garantir que a venda do Novo Banco não terá qualquer custo para os contribuintes

contribuinte resultante de uma venda abaixo do previsto. “A CGD tem várias formas de, durante os anos em que isso suceder, dependendo de qual for o diferencial, de resolver o problema”, afirmou, reconhecendo que o modelo “não é perfeito”.

### Plafonamento moderado

Relativamente à Segurança Social e à redução de 600 milhões proposta pelo Governo, Portas escusou-se a revelar qual a receita para a sua concretização com a justificação de que é necessário negociar com o PS, após as eleições. Mas aproveitou para explicar o modelo de plafonamento “moderadíssimo” proposto pela coligação PSD/CDS - que cria um tecto máximo nos descontos para o sistema público e nos pagamentos das reformas futuras - e devolver as críticas ao PS ao lembrar que os socialistas já defenderam esta medida.

“Oíço o doutor António Costa dizer que é uma privatização, um crime. E vou buscar este livro branco da Segurança Social do tempo de António Guterres, da autoria de Correia de Campos, onde se defende o plafonamento e aí sim com cinco ou seis salários [como máximo]”, apontou. De seguida fez as contas à “descida radical” da Taxa Social Única proposta pelo PS - avaliando o impacto em 14 mil milhões de euros - questionando o pagamento das pensões.

Em resposta a uma pergunta sobre a Europa, Portas aproveitou para defender a necessidade de haver uma “posição com muita clareza” sobre o que chamou uma crise “humanitária gravíssima”, a dos refugiados. E elogiou a chanceler alemã. “Até agora, quem mais se aproximou de honrar aquilo que é o humanismo cristão e o humanismo laico que fazem os valores da Europa foi a chanceler

Merkel quando disse ‘eu não repatriarei nenhum refugiado de guerra da Síria’”, disse, lembrando que “a tradição portuguesa é de acolhimento”. Já sobre a “praga” de refugiados como lhe chamou o primeiro-ministro britânico, o conservador David Cameron, Portas reagiu com um premonitório “nem comento”.

### CDS em Escola de Quadros

Sem o seu parceiro de coligação, o CDS começou ontem a escola de quadros, uma iniciativa de formação de jovens, em Ofir, célebre por ter sido o lugar de reunião do grupo liderado por Francisco Lucas Pires nos anos 80. Lobo Xavier, antigo dirigente centrista, fará hoje uma intervenção sobre este grupo, num jantar-debate, com tema “De Ofir a Ofir - constantes da relevância do CDS”.

Em 1992, o então director do semanário *O Independente* Paulo Portas

confrontou na estação de televisão SIC o antigo presidente do CDS Lucas Pires, a quem acusou de pertencer a “uma espécie de clube dos políticos mortos”, por ter saído do CDS mas manter-se como deputado europeu. Para Paulo Portas, Lucas Pires tinha-se rendido à social-democracia e a Cavaco Silva. O então jornalista era o convidado-surpresa do programa *Conta Corrente* em que, nessa noite, Margarida Marante entrevistava Lucas Pires.

“Toda a sua entrevista, na primeira parte, é uma entrevista no mercado político. O senhor doutor está no mercado político e o PSD vai buscá-lo ou não. O senhor doutor está enganado numa coisa, o PSD nunca gostou das pessoas que vêm da direita. O PSD gosta dos homens que vêm da esquerda, vide o caso de Durão Barroso, vide o caso de Pacheco Pereira”, argumentou então Portas.